



BERNARDINO D'ALMEIDA

Muitas vezes o combate contra os incendios me aproximou d'este glorioso morto que hoje dorme o ultimo somno, abençoado por uma cidade reconhecida e recordado saudosamente pelos seus companheiros de trabalho que lhe conheciam a alma generosa, o caracter briossissimo e o heroismo aureolado por uma modestia jámais desmentida.

Bernardino de Almeida era um rapaz de compleição franzina, quasi doentia. Ao vel-o ninguem diria que n'aquella compleição delicada se abrigava uma alma de heroe, ninguem desconfiaria que esse moço de rosto triste, sempre banhado por melancolico sorriso, era um trabalhador infatigavel a quem o perigo transformava, a quem o crepitar dos incendios dava na alma allucinada vigorosissimos transportes d'uma coragem indomavel, impetos leoninos de admiravel furia que se traduzia em esforços d'uma abnegação sublime, em serviços assignalados n'essa cruzada santissima a que elle consagrara a sua vida e o futuro dos seus.

Estou a vel-o. Entrava na liça, socegradamente, com o seu eterno sorriso bondoso, estampado no ros-

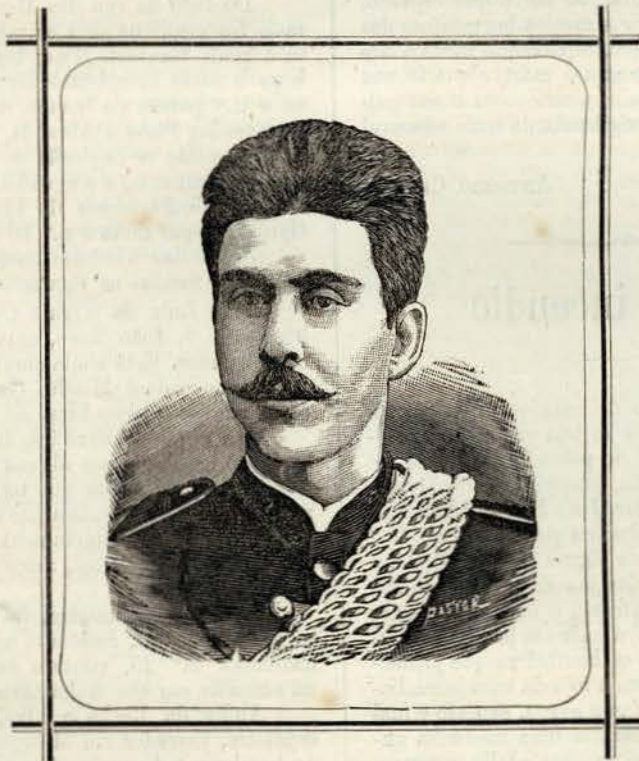
to sympathico. Destinavam-lhe um posto de honra onde o perigo, a todo o momento ameaçava alcançal-o, um dos logares mais descobertos na vanguarda d'esses soldados sublimes que tem por inimigo o mais devastador elemento.

As chammas avançavam rugidoras, columnas de fumo, densas, espessas, suffocantes torciam-se infernalmente, escurecendo a luz crua do incendio abundantemente alimentado; nos intervallos em que diminuia o estrondo sinistro com que as lavaredas acompanham a sua marcha, ouvia-se o fragor pavoroso dos desmoronamentos successivos, persistentes e elle não recuava um passo!

Ao inimigo terrivel que reduz a cinzas tudo que encontra, a esse implacavel flagello que suffoca os rugidos quando já nada tem que aniquillar, oppunha elle serenamente a fragil agulheta d'onde jorrava tenue fio d'agua, o seu peito couraçado apenas pela sua heroica farda, e a sua alma de valente temperada no

habito de encarar a todo o momento a morte.

Era então que elle se transfigurava. O clarão do incendio dava-lhe proporções de gigante. Pendurado em ponto arriscadissimo, rodeado de fogo, elle recordava a salamandra que as chammas não intimidam. Erguia-se magestoso, terrivel, sublime. No seu rosto



já ninguém poderia achar o cunho de bondade que, fóra das luctas homericas em que o heroe se empenhava, aureolava a sua phisionomia. Era o rosto d'um desesperado! O arrebatamento, a furia do magestoso combate avassallava-o. O suor corria-lhe em camarinhas ao longo das faces esbraseadas, o peito arquejava pela compressão violenta dos pulmões, os olhos lusiam-lhe com os fulvos clarões da heroicidade! Um unico pensamento o dominava — a victoria n'aquelle combate terrivel; e d'essa embriaguez espantosa nem os gritos dos seus, que elle tanto amava, poderiam vir acordal-o!

Quando retirava, o inimigo estava vencido, e finda a lucta, o valente tinha na frente a mesma nuvem de melancolia, e na bocca, levemente franzida, o seu eterno sorriso bondoso, que illuminava as muitas sympathias que elle sabia despertar.

Desde 22 de julho de 1870 que Bernardino d'Almeida andava empenhado na gloriosissima cruzada em que encontrou a morte. A sua vida de bombeiro foi sempre uma epopeia gloriosa: como chefe de familia era o mais extremo dos paes, o prototypo do amor conjugal.

Chegou-lhe a vez: descança.

A' sua sepultura hão de ir verter lagrimas de inconsolavel saudade, a sua viuva e dois filhinhos que deixou para sempre e n'uma tenra idade.

O glorioso extinto ensinará á esposa que tanto amou a resignação e que ella precisa, e quando as lagrimas d'ella se filtrarem por entre as fendas do modestissimo tumulo a congelar-se n'aquelle coração paralyzado, ha de Deus mandar ao heroe que repousa, um sopro de vida para ouvir a musica harmoniosa das duas innocentes creanças, que, espalhando flores sobre o canto de terra onde se occulta o martyr que foi seu pae, acordarão o silencio do cemiterio com o seu palrar festivo e alegre, sob a vigilancia da mais adoravel das virtudes — a Caridade.

ANTONIO CRUZ.

Pavoroso incendio

Um pavoroso incendio de consequencias tão funestas como rarissimas vezes se tem visto n'esta cidade, declarou-se no dia 21 do passado no predio n.º 60 e 62 da rua de S. João, propriedade de Duarte de Souza Reis, occupada por José Pinto d'Almeida, com estabelecimento de mercearia por atacado.

Quando as torres deram signal de incendio, um tenue fumo escapava-se pelas janellas do quarto andar da casa em que se manifestou o incendio, e nada fazia suppor que se preparava uma tão horrivel catastrophe. Assim os vizinhos e os bombeiros que primeiro accorreram, entraram para a loja da casa incendiada d'onde um turbilhão de fumo negro, espesso e mal cheiroso que precedeu de instantes uma medonha explosão fez sahir para a rua os que n'ella estavam mas não com tanta precipitação que portas, janellas, pedras, vidros, terra, enfim, tudo, que estava n'um vasto armazem na parte do predio da rua dos Mercadores, não voasse com extraordinaria violencia matando e ferindo um avultado numero de pessoas.

Do lado da rua de S. João achava-se já em ac-

ção a bomba dos voluntarios, a primeira que compareceu. Por um d'estes acasos em que parece notar-se a mão da Providencia, esta bomba quando chegou, parou e desmontou em frente do predio que ardia, mas uma prudente ordem do graduado dos voluntarios que n'essa occasião fez retirar a bomba para baixo uns quinze a vinte metros, livrou d'um perigo quasi certo todos os que a rodeavam, pois que mal essa ordem fóra cumprida, deu-se a explosão que apañou com os seus estilhaços tudo o que estava defronte do predio onde ella se deu.

Testemunhas presencias d'essa horrivel scena, podemos bem averiguar a extensão d'aquella desgraça. Ao modonho estampido que se ouviu em quasi toda a cidade, seguiram-se grossas e densas columnas de fumo que sahiam por todas as aberturas do predio, impedindo de se ver a immensidade da catastrophe. Quando o fumo se dissipou e que medonhas linguas de fogo envolviam já a casa, é que se viu do lado da rua de S. João, no passeio fronteiro á casa, já morto, o malogrado James Franklin, socio da firma Gubian & Franklin que sendo colhido ao que se supõe, por uma das grossas portas do predio arrancada quasi inteira dos fortes gonços de ferro que a seguravam, jazia immovel com o cranco fracturado e queimados e feridos os ajudantes do inspector Thiago José Gonsalves e Joaquim de Souza Loureiro, este ultimo com o rosto coberto de sangue que lhe sahia abundantemente da bocca, pois que um estilhaço qualquer lhe cortára a abobada palatina, quebrando-lhe tambem a maxilla.

Do lado da rua dos Mercadores onde a explosão mais fez sentir os seus estragos era a scena por ventura mais horrivel. N'um lago de sangue, com a cabeça e rosto completamente mutilados, horrivel, viu-se o 2.º patrão da bomba de S. João Novo, n.º 35, Bernardino Pinto d'Almeida, que se achava já no seu posto quando a explosão o colheu e o matou quasi instantaneamente, e o aguadeiro Manoel Caminha Fernandes, de 24 annos de idade, solteiro, natural de Galliza, e que tinha o n.º 10 de matricula.

Além das victimas mencionadas, ficaram mais ou menos feridas as seguintes pessoas:

José Luiz da Silva e Costa, primeiro patrão da bomba de S. João Novo, com graves queimaduras no rosto e mãos. Está ainda em demorada convalescença.

Antonio José Mendes Guimarães, commerciante, com grandes queimaduras no rosto.

Antonio José Ferreira, commerciante do largo de S. Domingos, que por alguns dias inspirou serios cuidados, pois se supoz que teria derramamento no cerebro e que foi violentamente sacudido pela explosão. Está hoje quasi completamente restabelecido.

Marcellino Franco, actor do theatro dos Recreios de Lisboa.

José Maria Moreira, de 56 annos, viuvo, natural de Villa Real, residente na rua de S. João Novo, conductor n.º 25, contuso na testa por um estilhaço na occasião em que trabalhava em uma bomba.

Abilio da Rocha e Silva, de 28 annos, solteiro, sapateiro, morador em Miragaya, ex-conductor n.º 65 da bomba n.º 4, queimado no rosto e mãos.

Mathias Luiz de Souza, de 25 annos, solteiro, aspirante n.º 46, morador na rua dos Caldeiros, gravemente queimado no rosto e mãos e ferido na cabeça e sobr'olho direito.

Antonio Pinto d'Azevedo, bombeiro n.º 17, ferido no pulso esquerdo.

José Maria da Silva e José Marques da Costa Vizeu, armadores, igualmente feridos.

Joaquim Antonio de Moura Sociro, 1.º patrão ajudante n.º 42 dos bombeiros voluntarios, com queimaduras pelo rosto.

Carlos José Gonçalves, bombeiro voluntario n.º 22, ferido na cabeça e mãos.

Alvaro Vicente de Souza, bombeiro voluntario n.º 24, ferido no rosto.

Eduardo Christino, bombeiro voluntario n.º 6, ferido em dous dedos da mão esquerda.

Arminio von Dellinger, bombeiro voluntario, ferido no pescoço.

Henrique de Souza Pinto, conductor n.º 18 dos bombeiros voluntarios, ferido na cabeça.

Manoel Fernandes da Silva, bombeiro de Gaya, ferido nas mãos.

Guarda civil n.º 167, pertencente á 4.ª esquadra, ferido em um pé; guarda civil n.º 79, da 1.ª, ferido nas costas.

Muitos outros ferimentos se deram como claramente se evidencia pelo numero de pessoas que foram curar-se ás pharmacias proximas cujo numero se calcula em cerca de quarenta.

A pello vem fazer publicos os serviços que n'esta triste conjuntura prestaram diversos facultativos e as pharmacias, das quaes é dever especialisar a do sr. Liborio José de Magalhães, que por ser quasi contigua ao predio incendiado maior numero de curativos fez com o maior desinteresse e dedicação.

No emtanto o incendio destruiu os escombros da explosão e communicava-se ás casas contiguas e ás que lhe ficavam fronteiras do lado da rua dos Mercadores. Com denodo e valentia era o incendio combatido na rua de S. João pela machina dos bombeiros voluntarios e por algumas municipaes. Do lado da rua dos Mercadores a companhia de Gaya prestava relevantes serviços. No largo do Collegio, a bomba da estação das Carmelitas postada a cavalleiro das casas incendiadas prestava efficaz concurso para debellar o terrivel inimigo.

Foram inexcusaveis de dedicação e coragem todos os bombeiros, que não esmoreceram nem se cansaram na afanosa faina que se prolongou até á manhã do dia seguinte. Entre os bombeiros voluntarios trabalhou um arrojado e dedicado bombeiro voluntario de Lisboa o sr. Cezar Augusto d'Oliveira a quem cabem merecidos louvores.

Diz-se que a causa do incendio fôra motivada pela imprevidencia d'um marçano que fôra mandado a um armazem munido d'uma vela, arrecadar uma porção de enxofre que se extravasára d'umas saccas roidas pelos ratos, e que essa vela tombando sobre o enxofre motivára o incendio. Havia n'esse armazem consideravel numero de saccas de enxofre e salitre, suppondo alguns que foram os gazes d'essas materias que produziram a terrivel catastrophe. Inclina-se outros a dizer que havia alli materias explosivas dynamite ou polvora, unicas materias que teriam feito tão formidavel explosão.

As auctoridades policiaes fizeram um simulacro de investigação. Já são passados dez ou doze dias apenas e já o zelo afrouxou. A triste verdade é que ha duas generosas victimas na eternidade, que outras se encontram ainda no leito da dôr e que ninguem ha responsavel de tamanha desgraça.

E' pasmoso como se consente que n'uma casa de habitação se encontrem armazenados quarenta saccoes de enxofre e outros tantos de salitre, quando um só sacco d'estes productos mataria fatalmente pela asphyxia todos os moradores da casa, se porventura viesse a incendiar-se.

Ao que nos consta as companhias seguradoras negam-se a indemnisar os segurades dos prejuizos soffridos, allegando que no predio havia materias explosivas não especificadas nas respectivas apolices. Que as companhias defendendo os seus legitimos interesses pugnem tambem pelos interesses e vidas dos seus concidadãos, refreando a ambição d'alguns exploradores.

Havemos de voltar a este assumpto. Indicaremos á auctoridade onde a sua vigilancia deve ser exercida. Não é prohibido a venda do fogo de artificio que logo se permite mediante o pagamento d'uma licença, que se zela a segunça publica. Que os exemplos partam d'alto e não seremos nós com o nosso silencio que nos tornaremos cúmplices d'um patronato escandaloso para com os grandes.

No dia 22, os trabalhos do rescaldo continuaram até ás 2 horas da tarde, em que retiraram as bombas 1 e 4, e bem assim a força da guarda municipal alli destacada.

Durante esses trabalhos ainda se deram mais dous desastres de pequeno vulto: Raymundo Antonio da Silva, 2.º patrão da bomba n.º 6, foi ferido na cabeça seriam 11 horas da manhã, por uma soleira que se desprendeu de uma das janellas das trazeiras do predio n.ºs 60 e 62; e José da Rocha, conductor n.º 162 do carro n.º 3, ferido igualmente no pé esquerdo por uma trave que cahiu.

As casas que soffreram mais ou menos os effeitos do incendio e da explosão, foram as seguintes:

A de n.ºs 60 e 62, pertencente ao sr. Duarte de Souza Reis, segura na Companhia Bonança.

A de n.º 58, dos herdeiros de José Joaquim da Costa, na Tranquilidade; inquilinos os srs. Cardoso & Langley, com seguro na Le Lion e Confiança.

A de n.º 64 do sr. José Pinto de Almeida, está na Douro; inquilino o sr. Marques da Cunha, com seguro na Segurança.

A de n.ºs 66 e 68, da sr.ª Viuva Magalhães Carmo, na Bonança; inquilino o sr. Marques Guimarães & Monteiro, na Bonança e Segurança.

A de n.º 56, do sr. João Agostinho de Oliveira Costa, na Segurança.

A de n.ºs 48 e 50, do sr. Liborio José de Magalhães, na Bonança.

A de n.ºs 52 e 54, do sr. José Narciso da Silva, na Segurança.

As de n.ºs 84 e 86, da rua dos Mercadores, na Confiança; 90 e 92, na Bonança; a 100 e 102, na Segurança; a 104 e 110, na Bonança.

Ha ainda a casa n.ºs 94 a 98 que tambem soffreu prejuizos.

A loja de mercearia que ardeu, estava segura em cerca de 14:000,5000 réis em mais de uma companhia. D'ella apenas se salvou a escripturação e algumas quantias de dinheiro.

Realisaram-se n'esse dia os funeraes do desditoso bombeiro Bernardino Pinto d'Almeida. Raras vezes

esta cidade presenciou cortejo mais imponente, preito mais sentido do que o prestado á saudosa e honrada memoria d'aquella victima do dever.

Pelas 7 horas da tarde, reunidas as corporações de incendios nos paços do concelho, principiou o desfilar do cortejo para a capella do hospital da Misericordia, onde se achava o cadaver do infeliz bombeiro Bernardino Pinto d'Almeida.

Esse cortejo ia na ordem seguinte:

A' frente dous soldados de cavalleria da guarda municipal e em seguida todos os srs. vereadores, excepto o sr. Carneiro de Mello, que se acha doente, trajando casaca e banda azul e branca; escrivão da municipalidade e todos os empregados d'esta, incluindo os zeladores; inspector da companhia de incendios e commandantes dos bombeiros de Gaya e voluntarios; toda a corporação dos bombeiros de Gaya; bombeiros voluntarios, levando á sua frente o bombeiro voluntario de Lisboa, o sr. Augusto Cesar de Oliveira, e, finalmente, a corporação de incendios do Porto.

Quasi todas as pessoas pertencentes a estas companhias levavam no braço esquerdo laços de crepe.

O prestito seguiu pelo poente da praça de D. Pedro, ruas dos Clerigos e Carmelitas, largo do Carmo, praça do Duque de Beja, até á capella do hospital.

Ahi, na presença dos srs. vereadores, foi o cadaver deposto sobre uma carreta de bomba e o caixão coberto com um largo panno preto franjado de prata, tendo ao centro uma grande cruz branca.

Aos tirantes da carreta iam segundos patrões da companhia de incendios do Porto e dos voluntarios e segundos sargentos da companhia de Gaya. O prestito seguiu na mesma ordem para o templo dos Congregados, onde se effectuaram os suffragios por alma do finado. No momento em que estes tinham lugar cahiu um aspirante com uma syncope; retirado da igreja por alguns companheiros, melhorou depois, retirando-se para casa.

O caixão foi transportado da carreta para a tarima pelos srs. vereadores, e bem assim d'esta para aquella, quando terminaram os responsos.

Seguidamente marchou o cortejo, com excepção da camara, para o cemiterio do Prado do Repouso, ficando o cadaver depositado na respectiva capella.

Sobre o caixão foram depositadas tres corôas: uma do sr. Eduardo de Souza Pereira, em nome da corporação dos bombeiros voluntarios, com a legenda: «Os bombeiros voluntarios»; outra do sr. Eduardo da Costa Santos, pela companhia de incendios de Gaya, com a dedicatória: «Os bombeiros de Gaya ao seu camarada»; e finalmente outra da companhia de incendios d'esta cidade.

A igreja dos Congregados estava completamente revestida de crepes, elevando-se ao centro uma tarima ladeada de muitos lumes. Ao acto religioso assistiram, além de todas as pessoas que compunham o prestito, a corporação dos Meninos Orphãos, e quatro guardas civis de cada uma das esquadras de policia, commandados pelo chefe de esquadra Reis. O enterro do desditoso bombeiro foi effectuado a expensas da municipalidade. O funeral foi devéras imponente e sem precedentes estabelecidos. Milhares de pessoas seguiram o triste cortejo e alguns dos bombeiros que puxavam aos tirantes da carreta, choravam a desdita do pobre companheiro victima da sua dedicação e da sua coragem. Terminou cerca das 10 horas da noute esta homenagem de sentimento e saudade.

Pelas quatro horas da tarde tinham-se realisado no cemiterio inglez as honras funebres ao malogrado James Franklin. A' sentida e commovente cerimonia assistiu um avuitado numero de pessoas. Ali vimos o sr. inspector dos incendios com uma deputação da companhia de incendios municipal bem como outra dos bombeiros voluntarios.

Foi geralmente notada a não comparencia d'algum que representasse n'aquella solemnidade a camara municipal.

Em sessão municipal de 24 do passado, o sr. presidente Correa de Barros dando conta á camara das providencias que tomára com relação a este grande desastre, disse que n'elle se obraram prodigios de valor, sendo altamente distinctos o zelo e a dedicação da corporação dos bombeiros municipaes, bombeiros voluntarios e bombeiros de Gaya. Quando se deu a primeira explosão, os heroicos salvadores da fazenda alheia não se apavoraram a ponto de abandonarem os seus postos de honra. Em vez de fugirem, ficaram e correram ao maior do perigo, expondo as suas vidas e compromettendo o futuro das suas familias.

Foi, em vista de tal dedicação, que elle, presidente, pedira ao sr. inspector dos incendios uma relação dos bombeiros que mais se distinguiram no sinistro da rua de S. João. Que o sr. inspector, porém lhe respondera que isso era absolutamente impossivel, porque todos os membros das tres corporações se houveram com a maxima bravura e coragem, não havendo um só que fraqueasse, se esquivasse ao perigo, ou precisasse de ser excitado para o affrontar.

Pois que isto assim acontecera, o que era motivo para felicitações, propunha que se lançasse na acta da presente sessão, um voto de elogio e agradecimento ás tres corporações de bombeiros pela heroicidade manifestada. Foi approvedo unanimemente.

Mais disse o sr. presidente ter encarregado o sr. inspector de lhe dar o nome de um individuo de cada uma d'aquellas classes, a fim de os recommendar á municipalidade régia.

Por ultimo, foi approvedo, por proposta do mesmo sr. presidente, que o sr. inspector fosse tambem recommendado pela camara á municipalidade de S. M. el-rei, pelas provas de coragem que deu n'aquelle incendio excepcional, arriscando a sua vida, e pela disciplina que introduziu na corporação sob o seu commando.

Pronunciou-se a opinião publica por apenas se recommendar á municipalidade régia o sr. inspector *pe- las provas de coragem que deu n'aquelle incendio excepcional, arriscando a sua vida*, deixando no olvido tantos e tão dedicados bombeiros a quem só, com justiça, cabem aquellas lisongeiros palavras. O sr. Correa de Barros querendo satisfazer a opinião publica e remediar a sua precepitação, incumbiu o sr. inspector dos incendios de lhe apresentar uma relação dos individuos de cada uma das classes de que se compunham a companhia de incendios do Porto e corporação dos bombeiros voluntarios, a fim de serem recommendados á municipalidade régia.

O sr. inspector dos incendios fazendo um relatório dos relevantes serviços prestados no incendio de que nos vimos occupando, julgou nos casos de serem recommendados a El-Rei os seguintes individuos:

Bombeiros municipaes — Os benemeritos ajudantes Joaquim de Souza Loureiro e Thiago José Gon-

galves, José Barbosa de Pinto e Costa, José de Carvalho Pinheiro, Albino Pereira da Silva, João Vieira de Almeida, Alfredo Teixeira Velludo e Manoel Barbosa Brandão.

Bombeiros voluntarios — Eduardo de Souza Pereira que na ausencia do respectivo chefe commandava a corporação, Joaquim Antonio de Moura Soeiro, bombeiro que se distingue pela sua pericia e coragem, José Rodrigues Barrote, bombeiro dedicado, elogiado já em formatura geral pelos serviços que prestou no incendio da Fabrica Social em 10 de Junho de 1880, instructor dos bombeiros voluntarios de Aveiro, commissão que desempenhou d'um modo notavel e Arminio von Doellinger, arrojado e prestimoso bombeiro a quem a Camara municipal de Mirandella rendeu subido louvor pelos serviços que elle lhe prestou organisando e instruindo a companhia de bombeiros voluntarios d'aquella localidade.

Não querendo de modo nenhum pôr em duvida os merecimentos dos recommendados, permitta-se-nos o justo reparo de não vermos figurar no numero dos distinctos, o primeiro patrão José Luiz da Silva e Costa, um dos tres bombeiros mais antigos da corporação uma das victimas da catastrophe, bem como o aspirante n.º 46, Mathias Luiz da Conceição.

Como é sabido são os segundos patrões os encargados das agulhetas, que são n'esta campanha do bem como que os soldados da vanguarda. Pois nenhum dos da vanguarda figura na lista, nenhum dos que mais se aproximaram do perigo, foi notado.

Era de justiça que d'elles se lembrassem e visto que foram esquecidos julgamos do nosso dever indicá-los á consideração publica, o que fazemos publicando-lhes os nomes:

Antonio Pinto d'Azevedo, (ferido e em convalescença).

Antonio da Silva.

Francisco Vieira d'Almeida.

Pedro da Silva Varella.

Vicente Alves Conceição.

Augusto José Pereira.

José Joaquim Nogueira.

Henrique José Francisco.

Alberto Augusto Aranha (da corporação dos bombeiros voluntarios).

O relatório apresentado pelo sr. inspector propoz a promoção por distincção do aspirante João Ferreira da Costa, ao cargo de 2.º patrão, vago pela morte de Bernardino Pinto de Almeida.

O relatório ainda lembra a conveniencia de se officiar á camara de Gaya, pondo em relêvo os serviços prestados no incendio da rua de S. João pela companhia de incendios d'aquella villa, e em sentido analogo á camara municipal de Lisboa com respeito ao bombeiro voluntario n.º 38, Augusto Cesar de Oliveira.

Espectaculo de caridade

A vereação municipal do Porto na impossibilidade de, dentro da lei, estabelecer uma pensão que garantisse o futuro da desditosa viuva e filhos do malogrado Bernardino Pinto d'Almeida, deliberou promover-lhe um espectaculo que minorasse a sua triste situação. Encontrando em todos a mais completa acquies-

cia, verificou-se esse spectaculo hontem no theatro Principe Real tomando parte n'elle as quatro companhias theatraes que n'essa occasião se achavam n'esta cidade.

O theatro elegante e simplesmente decorado encheu-se completamente provando-se assim mais uma vez o quanto é inexgotavel a caridade d'esta nobre terra.

O spectaculo abriu com o quadro da revista «Etc. e tal» denominado «As mulheres-soldados», seguindo-se o 2.º acto da opereta «O dia e a noute», a comedia «Os trinta botões» e por ultimo a zarzuella «Um pleito» do afamado maestro hespanhol Barbier, a qual é como um formoso bouquet onde se acham enfeixados mimosissimos trechos, a maior parte baseados em motivos populares, e que foram apreciavelmente cantados pela sr.ª Carmona e pelos srs. Maximino Fernandez e Orega.

O sr. Julio Moutinho recitou uma poesia exaltando e enobrecendo os bombeiros. Eguamente foi distribuido o seguinte soneto:

Da Caridade a angelica figura
Preside á festa em maternal encanto;
Desdobram-se em ondas de ternura
As prégas luminosas do seu manto!

No dissipar da negra desventura
Deu-vos ella um quinhão augusto e santo:
—Honrais de heroe a humilde sepultura
E enxugais aos seus amargo pranto.

Emfim dorme em socego o mutilado
N'esse pobre sepulchro abandonado
Onde a lua o beija castamente!

Deixai dormir o morto generoso!...
Não lhe conteis quem foi o corajoso
Na lucta onde cahiu, elle, o valente...

31—Maio—83.

Diversos graduados da corporação dos bombeiros voluntarios e das companhias municipaes do Porto e Gaya faziam a guarda de honra ao theatro:

No atrio da rua Sá da Bandeira achava-se uma mesa junto da qual estavam os srs. inspector de incendios, commandante da companhia de bombeiros de Gaya e dos voluntarios, a distribuir pelo publico photographias e lithographias do bombeiro fallecido, e bem assim exemplares de um numero do «Camarim,» que trazia um retrato de Joaquim de Souza Loureiro, um dos feridos do incendio. Cada uma das pessoas que recebia este brinde deixava n'uma salva de prata qualquer quantia, consoante a sua generosidade e haveres. D'esta fórma conseguiu-se juntar a quantia de 925360 réis.

Os bombeiros voluntarios entregaram tambem 5005000 réis nominaes de inscripções que fizeram averbar em nome da viuva e filhos do desventurado bombeiro. Foi essa quantia producto d'uma subscripção que entre si promoveram e pelas pessoas das suas relações.

As photographias foram generosamente offerecidas pelo sr. Souza Reis, photographo, na rua do Bom-jardim. As lithographias, apreciavel trabalho do sr. Sebastião Sanhudo, nosso collega do Sorvete, um dos proprietarios da importante officina da rua do Laranjal, foram, por igual, bizarramente offerecidas.

Nos atrios do theatro tocavam as bandas do Palacio Crystal e dos Bombeiros Voluntarios.

Deve ser importante a receita d'este espectáculo para o qual todos generosamente contribuíram não sendo para esquecer os importantes e relevantes serviços prestados pelos srs. Freitas & Azevedo.

MISSA

Na igreja dos Congregados foi no dia 28 resada uma missa por alma do desditoso segundo patrão da companhia d'incendios do Porto, Bernardino Pinto d'Almeida, morto instantaneamente na explosão que se deu por occasião do grande incendio da rua de S. João.

Cerca das 10 horas da manhã formaram no atrio da casa da camara as corporações de bombeiros voluntarios e municipaes do Porto, municipaes de Gaya, voluntarios auxiliares e protectores, todos com os seus respectivos distinctivos, seguindo para a igreja dos Congregados.

Todos os bombeiros municipaes tinham nas charladeiras uma larga fita preta, como demonstração de sentimento pela perda do seu infeliz camarada.

A missa foi resada pelo revd.º sr. Antonio José Rodrigues de Souza, vigario do culto da ordem do Carmo e capellão da casa real, acolytado pelo velho sargento de bombeiros Moreira.

A guarda d'honra ao altar onde foi resada a missa era feita por segundos patrões de bombeiros municipaes e voluntarios e segundos sargentos de Gaya.

A este acto assistiram os srs. dr. Correia de Barros e Alexandre Carneiro de Vasconcellos, presidente e vice-presidente da municipalidade portuense, commandante da guarda municipal, alguns officiaes dos corpos da guarnição, as praças reformadas da antiga companhia dos incendios, os meninos orphãos acompanhados do respectivo reitor, o revd.º Ascencio de Magalhães e muitas outras pessoas.

Durante a cerimonia a banda da guarda municipal, cedida generosamente pelo respectivo commandante a pedido de uma commissão de bombeiros, executou o *Stabat-Marter* do fallecido maestro Dubini.

A meza da irmandade do Congregados, querendo, por sua parte, concorrer para aquella manifestação, mandou illuminar o altar-mór e todos os lateraes, servindo os paramentos mais ricos que possui.

Quando a missa terminou, uma irmã do fallecido foi accommettida de uma syncope, sendo necessario trazel-a em braços para a sacristia, bem como á viuva, que tambem se sentiu incommodada.

O sr. dr. Correia de Barros, attento o estado de grande consternação em que aquellas duas senhoras se achavam, mandou chamar um trem de praça que as conduziu a casa.

Varias noticias

O *Commercio do Porto* abriu uma subscrição que attingiu a importancia de 180\$250 réis destinada a soccorrer as pessoas necessitadas que soffreram prejuizos com o pavoroso incendio da rua de S. João.

—De quasi todas as corporações de bombeiros voluntarios do paiz foram dirigidos telegrammas á associação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, denotando o mais vivo interesse pelos seus membros que mais ou menos soffreram ferimentos no ultimo grande incendio.

—Na manhã do dia 24 do passado foram conduzidos em maca, do hospital da Misericórdia para o da Ordem do Carmo, os quatro feridos que alli estavam em tratamento, sendo acompanhados por dous primeiros patrões e dous conductores municipaes.

As despesas que os doentes fizeram no hospital do Carmo serão pagas pela municipalidade.

E' com a maior satisfação que podemos annunciar aos nossos leitores que todos os feridos vão tendo uma convalescença regular á excepção do sr. ajudante Loureiro e do agudeiro Manoel Caminha Fernandes que será infelizmente bastante demorada.

—Em Villa Franca de Xira organisou-se uma associação de bombeiros voluntarios. Está n'aquella localidade tractando da instrução dos novos bombeiros o segundo patrão n.º 55 da companhia municipal de Lisboa, Antonio Ignacio da Silva.

—Os bombeiros municipaes de Braga fizera resar no dia 27 do passado, na igreja dos congregados, uma missa suffragando á alma do fallecido bombeiro Bernardino Pinto d'Almeida.

Assistiu a este solemne acto a companhia dos bombeiros voluntarios e grande copia de povo.

CHRONICA LITTERARIA, NOTICIOSA E THEATRAL

Os leitores de romances, os que conhecem o curioso livro de Dumas, *As memorias d'um medico*, os que se extasiaram com a descripção d'aquelle sonho magnetico em que o doutor José Balsamo fazia cair a amante para profundar o porvir, tiveram ultimamente ensejo de vêr pôr em pratica essa estranha influencia *electric* que termina por uma completa victoria sobre o individuo escolhido pelo magnetizador. No romance, profundissimo sonho apoderava-se da *victima*, e a voz interrogadora d'aquelle homem mysterioso, d'esse magico que Dumas desenhou quasi como um semi-deus, a pobre creança via coisas incriveis de que elle tirava todo o partido para os seus fins tetricamente sinistros.

Pois essa scena de magnetismo foi representada ao vivo no theatro do Principe Real, ainda ha muito pouco tempo. Houve tambem um doutor, o dr. May, mas ao avesso do seu illustre mestre, este era muito boa pessoa. Queria só ganhar dinheiro tendo a casa concorrida e a *victima* que elle adormecia e interrogava era uma graciosa rapariga que abundava nas mesmas idéas.

Emma Zanardelli, se chamava ella, cedia á vontade imperiosa do sr. May e n'uma especie de sonho lucido em que ficava mergulhada, respondia n'um murmurio a perguntas que lhe eram feitas, perguntas tão faccis que importavam nada mais nem nada menos que traduzir o pensamento de quem a interrogava.

Da difficil prova sahio-se ella por vezes admiravelmente.

Comtudo se aquelle sonho não era real, nem por isso as sessões deixaram de ser curiosas, quando mais não fosse, pela presença da loira sonnambula que vestia adoravelmente, tinha uma cintura de vespa e um pénta-

dor, microscopico, um pé de aristocrata chinesa—sem auxilio da arte de fazer os pés, muito usada no Celeste Imperio.

O dr. May e a sua vidente deram umas quatro sessões, regularmente concorridas e depois proseguiram na sua peregrinação artistica, onde oxalá os espere *remulissima suerte*.

E ficou novamente fechado o armazem do theatro do Principe Real e a não ser o Baquet que nos offerece esplendidos passatempos, muito aborrecidas seriam estas noites que ninguem dirá de verão, tal é por emquanto a frialdade da temperatura.

Maximino Fernandez, o director da esplendida zarzuela que ali funciona, é um homem emprehendedor e um artista distinctissimo, e como deseja captar as sympathias do publico, raro é o dia em que não faz annunciar espectáculo com peça diversa. Por esta fórma tem elle proporcionado a occasião de se poder gosar um excellente e selecto repertorio das mais festeadas zarzuellas.

Abriu a epocha com *La tempestad*, musica do maestro Chapi. Esta zarzuela é não só notavel pelas innumerables bellezas musicas de surpreendente e gracioso effeito, mas tambem pelo magnifico desempenho que Maximino Fernandez dá ao seu papel uma verdadeira creação onde não falta estulo nem verdade.

Teve ruidoso acolhimento a bella zarzuela, e dos applausos com que foi distinguido Maximino Fernandez coube não pequeno quinhão ás tiples Gonzalez y Carmona que cantaram adoravelmente os principaes thecos d'essa quasi-opera que em Hespanha obteve largo successo.

O tenor Orença, tem uma voz argentina, sã, vigorosa e arrancada sem esforço mas, para d'ella ficar favoravel impressão é necessario que o espectador não veja a maneira como se conserva em scena o dono de tal prenda—que é a mais não poder ser desagaitado.

Na *Tempestad* cantou bellamente alguns trechos, valendo-lhe esse *esfuerzo*—justissimos applausos.

A *Tempestad* succedeu-se o *Campanone* e do formoso trabalho musical de Marza só temos a dizer que não nos lembra ter ouvido execução mais brilhante, *ensemble* mais escolhido e completo.

Foi um verdadeiro successo, distinguindo-se na melodiosa composição do maestro italiano todos os artistas que se encarregaram dos papeis: Maximino, Gonzalez, Riva e Orença que o publico festejou estrepitosamente e com a maxima justiça.

O *Campanone* repetiu-se e sempre com o bello exito da primeira récita.

Depois do *Campanone* subiu á scena uma especie de melodrama intitulado as *Duas orphãs*, que, como o titulo indica foi extrahido do dramalhão de igual nome que ahí temos visto representar pelas nossas companhias, e muito distinctamente.

Em hespanhol, o melodrama é bordado de musica, e embora sejam alguns numeros felizes, no geral a musica accusa uma frouxidão pronunciada no auctor. Ninguem dirá que esse trabalho sahia das mãos do maestro de *La Tempestad*, das mãos de Chapi, cujo nome é a mais não poder ser auctorizado.

As *Duas orphãs* tiveram a duração d'uma noite.

Os *mosqueteros grises* foram cantados em seguida. São a traducção da opereta que na nossa lingua foi traduzida com o titulo de *Dragões d'el-rei*, mas o libretto hespanhol está longe de tær a graça que Eduardo Garrido empregou no libretto portuguez.

A musica, d'Audran, é inquestionavelmente su-

perior á do *maestrino* Rogel mas por isso mesmo que a musica do ultimo pecca por ligeirissima, a d'Audran incorre em egual defeito, por demasiado classicismo e pretensão.

Dos *Mosqueteros grises* é apenas completo o primeiro acto. Os dois restantes são froixos; muito longe de tær a animação, a vida que na traducção portugueza insufflou Garrido, auxiliado muito rasoavelmente por Rogel.

Nos *Mosqueteros* avanta-se Maximino Fernandez, que dia a dia nos convence de que é um artista de distinctissimo cunho.

O *anel de ferro*, primorosa zarzuela de Marqués e que em tempo ahí ouvimos esplendidamente cantada pela Cortez, de saudosissima recordação, foi tambem apresentada com um bello exito. Gonzalez, a quem coube a parte da notavel cantora, desquitou-se bellamente. Não tem como a sua illustre collega uma garganta d'oiro mas em compensação tem uma voz fresca, meiga e insinuante e uma gentil presença.

D'esta vez o *Anel de ferro* não foi muito prejudicado pelo confronto.

Mantos y capas outro trabalho vigoroso dos maestros Caballero y Nieto foi cantado apenas uma noite não porque não merecesse continuação, mas porque a zarzuela de genero altamente dramatico foi oscutada com injustificavel e immerecida frieza.

La guerra santa, zarzuela do grande espectáculo teve em compensação exito brilhante. E' notavel pela excellente musica, por algum scenario do melhor bom gosto, guarda-roupa vistoso e sobretudo por um bello desempenho por parte de Maximino, Gonzalez, Riva, Carmona e Senis.

La guerra santa deu algumas casas, excellentes em concorrência e ruidosas em applausos.

E' grande o repertorio da distinctissima companhia e ainda nos aguardam excellentes espectaculos que apreciaremos na proxima revista que vamos escrevendo n'este momento com uma velocidade de tachigrapho.

A companhia do Theatro de S. João de que é gerente Augusto Garraio deve representar no dia 9 a opereta *Verde Gaió* apreciavel trabalho do festejado *maestro* Alves Rente, trabalho que já tem a confirmação publica, pois que foi cantado em geral applauso no incendiado theatro da Trindade e no principe Real de Lisboa.

Dá-se a prémière em beneficio de Domingos de Almeida, um dos sociarios da empresa, apreciabilissimo actor a quem o genero explorado pela companhia fez retirar da scena e um estimavel caracter.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

A CHRONICA

(APPENSO AO BOMBEIRO PORTUGUEZ)

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	300 réis
Semestre	600 "
Anno	1200 "

(Estrangeiro)

Trimestre	500 réis
Semestre	1000 "
Anno	2000 "
Numero avulso	50 "

Redacção e administração rua do Mirante n.º 9.—Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

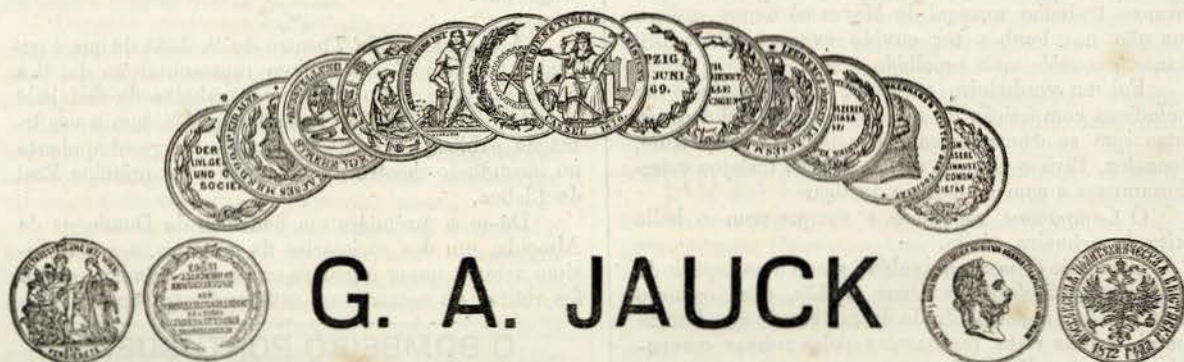
CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.